

Sem dinheiro para tratar fora de Brasília

Guaíra Flor e
Juliana Cézar Nunes
Da equipe do **Correio**

A crise da saúde pública no Distrito Federal é cada vez mais grave. Como se não bastasse a falta de medicamentos, agora acabaram as verbas para financiar tratamentos não oferecidos na cidade. É o caso, por exemplo, dos transplantes de medula óssea, câncer na retina e problemas cardíacos em recém-nascidos. Nenhum hospital público do DF trata dessas doenças. Por isso, os pacientes são enviados para a estados. Se não atendidos a tempo e regularmente, muitos deles correm o risco de vida.

A Secretaria de Saúde arca, basicamente, com a passagem aérea ou terrestre dos pacientes. Mas o dinheiro para esse transporte, que deveria durar até setembro, terminou há um mês. Foram R\$ 40 mil para 700 pacientes, que têm direito a levar acompanhante. Com o fim das verbas, somente esta semana 14 doentes deixaram de viajar. São pessoas pobres, sem condições de pagar a despesa. Três delas acabaram de realizar transplante de medula óssea. Precisam de acompanhamento para garantir o sucesso da cirurgia e a cura da doença.

A sorte de pacientes como Nilson Pereira, 16 anos, que recebeu há poucos meses uma nova medula, é o apoio de associações sem fins lucrativos. Essa semana, ele ganhou a passagem para se tratar da Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Homeopáticas (Abrace). "A gente não pode deixar as pessoas sem tratamento", diz Edinan Amorim, assistente social da entidade. "Era um dever da Secretaria. Nosso dinheiro poderia

garantir uma melhor alimentação ou até os medicamentos de outras crianças com câncer."

ORÇAMENTO ESTOURADO

Até o final do mês, outros sete pacientes podem perder consultas marcadas em outros estados. Entre eles, o pequeno Yago de Souza, 3 anos. O menino perdeu um olho esquerdo por conta do câncer. Colocou uma prótese no lugar, mas precisa acompanhar a adaptação no organismo. A mãe, Rosemeire Brasil, 33 anos, está desesperada com a possibilidade de adiar o tratamento. "Se Deus quiser o câncer não volta mais, mas o médico disse que o Yago tem de ficar cinco anos em observação para garantir que está tudo bem."

A responsável pelo setor de Tratamento Fora de Domicílio, Heloíza Martins, lamenta a situação, mas garante que as consultas serão remarçadas o mais rápido possível. "Estamos em processo de licitação para contratar uma nova empresa de transporte. Esse contrato deve sair ainda em agosto", prevê. Os especialistas em saúde, no entanto, garantem que um atraso de um mês é o suficiente para anular os efeitos de um tratamento complexo como o de quimioterapia, por exemplo.

Para pagar a transportadora, a Secretaria deve utilizar parte do R\$ 15 milhões extras liberados pelo Ministério da Saúde no mês passado. A verba foi disponibilizada depois das denúncias sobre o fim do dinheiro para compra anual de medicamentos no DF. O orçamento de R\$ 62 milhões terminou em seis meses. No caso do dinheiro para transporte, a Secretaria alega que o número de pacientes em tratamento fora da cidade aumentou em 2002. No primeiro semestre de 2001, foram 256 viagens. Este ano, no mesmo período, esse número praticamente quadruplicou.